

BC indica que fará controle diário das taxas, diz Loyola

Para ex-presidente do Banco Central, redução não muda nada e reuniões do Copom perderam importância

DENISE NEUMANN

O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, diz que a queda da Taxa de Assistência do Banco Central (Tban) de 49,75% para 42,25% não representa "nenhuma mudança, na prática". "Mas o governo sinalizou que a trajetória é de queda". O BC, avalia, vai manter a administração dos juros no dia-a-dia, por meio da taxa do overnight (Selic).

As reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom) perderam importância, explica. Antes mesmo da próxima reunião, o BC pode operar com juros bem menores que o novo teto de 42,25%. Ontem mesmo, os leilões do BC já indicaram uma taxa menor: 39,5%.

Na sua opinião, a taxa será fixada diariamente e o ritmo de queda será dado por três movimentos: assinatura do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), ritmo de aprovação das medidas do pacote fiscal no Congresso Nacional e regularização dos fluxos cambiais (fim das saídas ou estabilização). "Acho que o Banco Central está esperando a assinatura do acordo para iniciar um processo de queda mais rápida", observa Loyola. Ele considerou a fixação da Tban em 42,25% uma medida de "excesso de conservadorismo". "A taxa poderia ter baixado mais", opina.

O programa de ajuste fiscal, ponderou Loyola para uma platéia de executivos reunida em evento do American Express, só faz sentido se os juros caírem rapidamente. "Caso contrário, você joga fora todo esforço para obter um superávit primário com o custo dos juros", observa. Loyola trabalha com uma taxa média de juros entre 18% e 19% para 1999.

Ele trabalha com dois momentos para os juros: primeiro, eles caem relativamente rápido até o nível pré-crise: os 19,7% da Taxa Básica do Banco Central (TBC). "Se o Congresso Nacional aprova as medidas e o acordo com o FMI é assinado, você pode fazer esse primeiro movimento rapidamente e, então, permitir uma recuperação mais rápida da economia", observou. O segundo momento é mais gradual, diz ele. É quando o governo passa a procurar uma taxa de juros inferior ao atual nível da TBC. "Aí vai ser preciso sentir o mercado", diz ele.